

ESTELA DAS FERRARIAS (TORRES VEDRAS)
(*Conventus Scallabitanus*)

Já se conhece há quase dez anos uma estela, de arenito com abundante mica e manchas vermelho-acastanhadas, achada na *villa* romana das Ferrarias¹, Vila Facaia, freguesia do Ramalhal, concelho de Torres Vedras, pertencente a Artur Filipe Ferreira, a quem agradecemos as facilidades concedidas para o seu estudo.

Está irregularmente partida, de modo que se não pode ajuizar da sua forma original, mormente discernir se teria sido facetada. Dá-nos, porém, a impressão de que o mais provável é que o *ordinator* tenha aproveitado a superfície de uma ‘lasca’, digamos assim, sem mais preocupações estéticas.

Dimensões: 37 x 29,5 x 8.

[...]T̄VS B[...] / BVEM F(*ilius*) / CETATIL / VS BOVI(*i*) /
⁵ TAPVRVS / MIRANI F(*ilius*) / [...]

[...], filho de [...]; Cetatilo, de Bóvio; Tapuro, de Mirano [...]

Alt. das letras: l. 1: (2,2); l. 2: 4; l. 3: 6; l. 4: B = 5,9, O = 2,3; l. 5: T = 3,6, P = 5, V = 2,4; l. 6: I = 3, R = 4,5. Espaços: muito irregulares.

¹ O sítio sempre foi conhecido, apenas, como “Ferrarias”. A hipótese de se tratar de uma *villa*, apresentou-a Isabel Luna, pela primeira vez, devidamente fundamentada, num texto publicado no jornal *Badaladas*, de Torres Vedras («Uma terra de ferreiros», *Badaladas*, n.º 2264, suplemento Freguesias, n.º 12, Torres Vedras, 28.05.1999, p. 7) e foi retomada pela mesma e por Guilherme Cardoso, mais aprofundadamente, na comunicação feita, no Bombarral (Nov. 2001), ao congresso *A Presença Romana na Região Oeste* («Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras», em vias de publicação).

A inscrição foi gravada com estilete, ao sabor do gesto, do que resultou uma escrita quase cursiva, embora de capitais. Vejam-se, por exemplo: o E claramente gravado com dois ductos, a começar em cima à direita e a formar como que um primeiro C rectangular, a que se juntou a barra intermédia; o B, cuja pança ondulada foi riscada duma só vez; o O, resultante de dois movimentos de cima para baixo, à esquerda e à direita; o S, inclinado para diante e feito também duma só vez; o V, de vértice arredondado; o R, cuja perna foi nitidamente acrescentada ao P que se grafara com pança oblonga.

Na l. 1, a antepenúltima letra do primeiro nome poderá ser T, por analogia com o primeiro T da l. 3 e atendendo ao espaço até ao V, a não permitir uma letra mais larga. Parece-nos seguro reconstituir B, de que apenas se observa a barriga inferior, podendo haver em seguida uma outra letra, desaparecida na fractura.

A letra inicial da l. 2 será igualmente B, por semelhança com o B da actual l. 4; no final, um F de barras muito oblíquas, a conferir-lhe um traçado quase cursivo; seríamos tentados a ver, no breve prolongamento superior da haste, um eventual nexo FI.

A l. 3 não oferece dúvidas de leitura, notando-se apenas que a superfície lascou entre duas barras do E; que um dos TT está alevantado e que a perna da esquerda do A se prolonga para além do vértice, o que, denotando mais uma vez a cursividade do conjunto, mais nos incita a não considerar o nexos FI atrás referido.

A l. 4 destaca-se pela irregularidade dos caracteres: quase diríamos que estamos em presença de um grafito, não fora a relativa profundidade da gravação. Atendendo ao conjunto, o texto dessa linha terminava no I.

Na l. 5, a lasca inicial levou metade da barra do T, que, no entanto, se reconstitui sem dúvidas, não subsistindo também dificuldades no demais.

Na l. 6, parece claro o nexos AN a que se seguirá um N grafado quase como se fosse IV; mas também pode ter acontecido – e para isso nos inclinamos – que o *ordinator* tenha pensado no nexos, que depois apagou e, daí, estar menos perceptível a eventual perna da direita do suposto N. N duplo é tão raro na epigrafia que optamos por esta interpretação. No fim da linha, sucede o mesmo que na l. 2, apesar de, aqui, as barras estarem menos perceptíveis: temos um F.

A inscrição continuava para baixo – há vestígios de letras impossíveis de determinar.

Estamos perante uma lista de indivíduos, identificados à maneira indígena: um nome seguido do patronímico, com ou sem menção expressa da filiação. Aliás, essa indefinição poderá justificar as dúvidas de interpretação surgidas nas linhas 2 e 6, uma hesitação que poderá corresponder à hesitação do próprio lapicida, porque não? A dificuldade maior reside no facto de – à excepção do genitivo BOVI, já atestado inclusive na epigrafia romana torreense² e de TAPVRVS, clara variante, ainda não documentada, que saibamos, do nome *Tapurus*, a que se tem atribuído uma conotação geográfica e étnica³ – os antropónimos aqui patentes se revelarem desconhecidos, pelo menos com esta grafia.

Do primeiro patronímico falta a segunda letra, que certamente desapareceu com a fractura: será difícil optar entre BOBVEMVS, BVVBEMVS ou BEBVEMVS, ainda que o registo do genitivo *Boboani*, em *Bracara Augusta*, e de *Boblaeni*, em *Conimbriga*⁴, nos permita inclinarmo-nos mais para a primeira hipótese.

CETATILVS é testemunho singular, sendo –ILVS, seguramente, um sufixo latino de diminutivo. Não sabemos, porém, se o radical o deveremos procurar na antroponímia pré-romana ou, por exemplo, na apropriação de nomenclatura grega, o que também não seria de estranhar. Em todo o caso, a presença de nomes como *Bovius* e *Tapurus*, tidos como claramente de raiz autóctone, lusitana até, poderia levar-nos a uma relação com o nome *Caitta*, registado em Palência, que María de Lourdes Albertos relaciona, na sequência de outros celtistas, com o indo-europeu **ghaita*, a significar «pêlo ericado ou ondulado», donde derivaria, inclusive, o grego *χαίτη*⁵. Trata-se, porém, de congeminações inconclusivas.

Ao genitivo *Mirani* se refere M^a Lourdes Albertos, apresentando testemunhos da Bélgica e da Gália Cisalpina, relacionando-o com *Miro*, radical presente em *Mirobriga* (*o. c.*, p. 158).

Matéria-prima fértil, por conseguinte, para os estudos onomásticos, sendo aliciente perguntarmo-nos, por outro lado, que signifi-

² Cf. Vasco Gil MANTAS, «Inscrições romanas do Museu Municipal de Torres Vedras», *Conimbriga* 21 1982 5-99, inscrições n^{os} 6 e 11.

³ Vide Ana Paula Ramos FERREIRA, «Sobre a dispersão dos *Tapori*: algumas notas de reflexão», *Conimbriga* 39 2000 153-192.

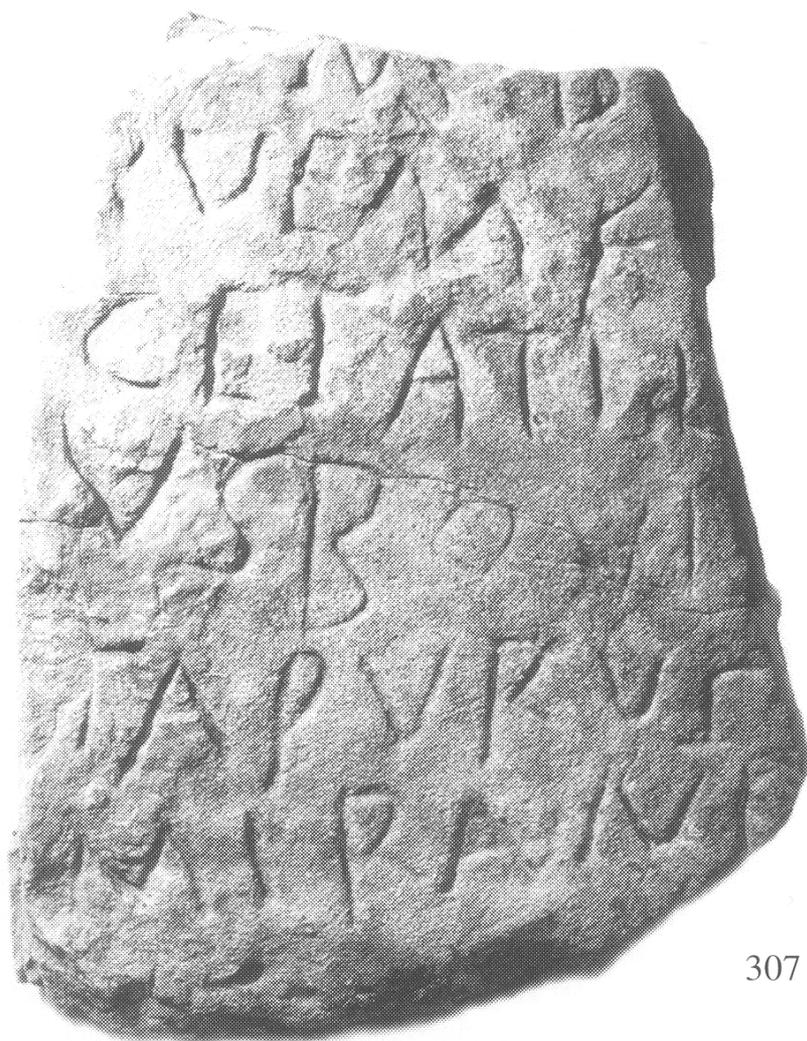
⁴ Cf. Juan Manuel ABASCAL PALAZÓN, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 1994, p. 301.

⁵ María Lourdes ALBERTOS FRIMAT, *La Onomástica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Betica*, Salamanca, 1966, p. 71.

cado terá a epígrafe. Ou seja, inclinar-nos-íamos, à primeira vista, para a vemos como lousa sepulcral, a identificar sepultura colectiva. Será? Temos dúvidas, que se fundamentam sobretudo na abundância de nomes e no carácter formalmente grosseiro do documento, quer no que se refere à tipologia quer à descuidada gravação quase em jeito (dir-se-ia) de apontamento quotidiano a atestar uma presença.

Pelo modo de identificação dos personagens (a paleografia, aqui, não poderá ser considerada elucidativa, dadas as já assinaladas características do conjunto), é monumento que atribuiríamos à primeira metade do século I da nossa era, em que a passagem a escrito, em Latim, da onomástica indígena estava ainda incipiente.

GUILHERME CARDOSO
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO
ISABEL LUNA



307